

Os signos da morte e a exclusão decorrente da velhice em “Feliz aniversário”, de Clarice Lispector

The Signs of Death and the Exclusion of Elderly in "Feliz Aniversário", by Clarice Lispector

Autoria: Carla Casarin Leonardi

 <https://orcid.org/0000-0002-9044-1381>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2020.172905>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/172905>

Recebido em: 27/07/2020. Aprovado em: 19/11/2020.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, ano 9, n. 17, jul.-dez. 2020.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

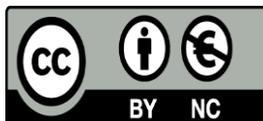
Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.  [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)

Como citar (ABNT)

LEONARDI, Carla Casarin. Os signos da morte e a exclusão decorrente da velhice em “Feliz aniversário”, de Clarice Lispector. *Opiniões*, São Paulo, ano 9, n. 17, p. 597-612, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2020.172905>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/172905>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não comerciais.

os signos da morte e a exclusão decorrente da velhice em “feliz aniversário”, de clarice lispector

The Signs of Death and the Exclusion of Elderly in "Feliz Aniversário", by Clarice Lispector

Carla Casarin Leonardi¹

Universidade de São Paulo – USP

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2020.172905>

¹ Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero (2012), cursa bacharelado e licenciatura em Letras com dupla habilitação (português/francês) na Universidade de São Paulo. Realizou pesquisa de iniciação científica com bolsa da Fapesp (2018/10918-9). E-mail: carla.leonardi@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9044-1381>.

Resumo

Este artigo, fruto de uma pesquisa de iniciação científica em Literatura Brasileira que abordou a velhice da mulher em quatro contos de Clarice Lispector, debruça-se especificamente sobre “Feliz aniversário”, publicado no livro *Laços de família*, em 1960. Protagonizada por Dona Anita, a aniversariante que completa 89 anos, a narrativa toma o microcosmo familiar para lançar luz sobre questões que situam a senilidade feminina na sociedade, dando destaque a aspectos como a reificação da mulher idosa, a exclusão no discurso, a solidão em meio à presença do outro e os signos da morte como um prenúncio do que está por vir. Para a análise do conto, foi importante recorrer a outros pesquisadores que se dedicaram ao seu estudo, bem como a outros textos do repertório clariciano, buscando acrescentar novas visadas à fortuna crítica da autora.

Palavras-chave

Clarice Lispector. Contos. Velhice. Mulher.

Abstract

This article, the result of a Scientific Initiation research that studied the elderly of women in four of Clarice Lispector’s short stories, deals specifically with “Feliz aniversário”, published in the book *Laços de família*, in 1960. Staged by Dona Anita, the birthday woman that turns 89 years old, the narrative takes the family microcosm to shed light on issues that situate female senility in society, highlighting aspects such as the reification of the elderly woman, the exclusion in the discourse, the loneliness in the presence of the other and the death signs as a prediction of the future. For this analysis, it was important to resort to other researchers who studied the short story, as well as other texts of the Lispector’s repertoire, seeking to add new insights to the author’s critical fortune.

Keywords

Clarice Lispector. Short Story. Elderly. Women.

o universo feminino clariciano

Clarice Lispector é uma autora cujo universo remete a questões metafísicas, sócio-históricas, psicológicas e a textos considerados de alta complexidade. Desde a sua estreia na cena literária dos anos 1940 com a publicação de *Perto do coração selvagem* (1943), que abalou público e crítica, a autora é alvo de pesquisas e trabalhos que tentam entender e classificar sua obra – classificações das quais sempre fugiu.

Com personagens do cotidiano, Clarice Lispector passeou por diversos temas ao longo de sua carreira, dando grande destaque ao universo feminino. Privilegiando personagens de existência comum, ela deu vida a mulheres como Joana, Macabéa, Angela Pralini, entre tantas outras, abordando também a velhice da mulher – e é esse o tema que dá origem a este artigo, fruto de uma pesquisa de iniciação científica² em Literatura Brasileira.

Sabemos que, em geral, o envelhecimento não é tão valorizado no mundo ocidental urbano quanto em determinadas culturas que celebram a sabedoria dos anciãos. Foi lançando luz sobre a desvalorização do idoso que Clarice deu vida a Dona Anita, protagonista de “Feliz Aniversário”, conto publicado em 1960 no livro *Laços de família*, cujo tema das treze narrativas já é sugerido pelo título. Na obra, a autora trabalhou questões familiares, como os laços de sangue e afetivos, o distanciamento decorrente da velhice, o cotidiano doméstico, a relação entre pais e filhos, entre outras.

Interessante lembrar que a questão dos laços familiares foi um tema recorrente na obra da autora ao longo de décadas de produção literária, como bem aponta Nádya B. Gotlib:

a história da literatura de Clarice Lispector pode ser considerada como uma reiterada tentativa de exploração dessas relações de família, a partir da problematização da alteridade, num movimento de diálogo entre o “eu” e o “outro” (GOTLIB, 1994, p. 95).

Em *Análise estrutural de romances brasileiros*, Affonso Romano de Sant’Anna destaca que a família em Clarice Lispector não tem como alvo as relações psicológicas entre pais e filhos nem uma discussão de costumes. Para ele, a questão familiar “surpreende o trivial, o corriqueiro da situação familiar e espreita atrás do cotidiano o advento de uma epifania qualquer” (SANT’ANNA, 1979, p. 198).

A partir das figuras do cotidiano, a autora lança aos contextos banais em que elas estão inseridas um olhar revelador, encontrando na monotonia da vida ordinária uma espécie de libertação a partir de um lance quase repentino de

² A pesquisa de iniciação científica, intitulada “A velhice na obra de Clarice Lispector: uma análise da senilidade em quatro contos”, foi orientada pela Profa. Dra. Yudtih Rosebaum, do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira e foi subsidiada pelo auxílio financeiro da Fapesp (Código 2018/10918-9).

iluminação – um momento de epifania – que as fazem tomar consciência da relação entre o eu e o mundo. Apesar disso, frequentemente o cotidiano se mostra como dominante e opressivo, reduzindo o efeito do descortino e levando essas personagens de volta ao seu estado inicial na narrativa.

Sobre a epifania nos textos de Clarice, podemos nos lembrar de Olga de Sá em *A escritura de Clarice Lispector*, livro em que ressalta que os

momentos epifânicos não são necessariamente transfigurações do banal em beleza. Muitas vezes, como marca sensível da epifania crítica, surge o enjoo, a náusea. A transfiguração não é radiosa, mas se faz no sentido do mole, do engordurado e demoníaco (SÁ, 1979, p. 155-156).

Com um olhar muito especial para essas existências banais,³ a autora criou personagens que, a despeito de sua pouca importância aparente, acabaram de certa forma iluminando os seres ao seu redor. Assim, no caso específico em análise, partindo das dificuldades que uma mulher idosa enfrenta, outras personagens foram minadas pelo olhar de Clarice, trazendo ao nível do discurso questões como a vaidade e a falta de empatia.

Cabe ressaltar ainda o sentimento de pertencimento como algo vital, tão presente na obra da autora. Ao escrever sobre a velhice, Clarice falou sobre a exclusão de um grupo que, anulado na sua condição de detentor de um saber, não faz mais parte da sociedade produtiva, não pertence mais a ela. É por meio da perda desse pertencimento a um grupo que pode vir a anulação de uma identidade e o apagamento de uma existência, como ficará mais claro na análise do conto escolhido.

Assim, diante da perda de juventude e dos laços de pertencimento, o indivíduo se volta para sua interioridade na busca de algum sentido da vida. Consequentemente, pelo esvaziamento da troca afetiva, ele é levado a permanecer em um mundo interior. Mas, se vivemos a partir da alteridade, como as personagens idosas de Clarice se situam no mundo, uma vez que não vivenciam mais a relação com o outro? Veremos a seguir que, em “Feliz aniversário”, Dona Anita permanece alheia à reunião familiar durante quase toda a festa, sendo desconsiderada no discurso e se voltando de forma intensa ao seu interior.

Aqui, cabe citar um trecho de *Passo e compasso: nos ritmos do envelhecer* (2003), de Maria José Somerlate Barbosa, que tão bem aborda esse assunto:

Certamente são os sentimentos de pertencer e de continuidade que as suas protagonistas idosas procuram em contos como “Feliz Aniversário”, “Viagem a Petrópolis”, “Ruído de passos”, “Mas vai chover”, “A partida do trem”, “À procura da dignidade”

³ “Gosto de um modo carinhoso do inacabado, do malfeito, daquilo que desajeitadamente tenta um pequeno voo e cai sem graça no chão”, escreveu Clarice na introdução do conjunto de textos “No fundo da gaveta”, que integrava a edição original do livro *A legião estrangeira* (1964).

e “Os laços de família”. Em todas estas narrativas, as senhoras idosas se sentem desconexas e descompassadas [...]. Estas histórias se manifestam como emblemas da experiência dos idosos e dos seus sentimentos de alienação e de diferença. Aqui a ausência de rituais significativos, da compaixão humana, e do pertencer grupal conota concomitantemente a ausência de continuidade e de identidade nos idosos e em geral significa a não aceitação da diferença social (BARBOSA, 2003, p. 256).

Sobre esta questão da ausência dos rituais significativos e do sentimento de alienação de que fala Barbosa (2003), podemos observar o retrato que Clarice faz de uma reunião familiar que, supostamente, celebra um aniversário. Entretanto, embora o ritual aconteça, ele aparece esvaziado de significado, uma vez que a celebração não acontece de fato e Dona Anita permanece desconexa e alienada da situação ao seu redor.

a reunião familiar em “feliz aniversário”

Como o próprio título do conto sugere, trata-se de um aniversário – a comemoração dos 89 anos de Dona Anita, uma senhora que observa calada e impassível a reunião de alguns de seus filhos, noras, netos e bisnetos, todos eles representantes da classe média carioca em meados do século XX. A idosa mora em Copacabana, no Rio de Janeiro, com Zilda, a filha que aos olhos dos outros familiares tinha o dever de cuidar da mãe.

A narrativa começa com a chegada de alguns convidados, como as noras de Olaria e de Ipanema.⁴ Os parentes de Olaria se esforçam para se apresentar “bem vestidos”, já que ir a Copacabana representava um passeio num bairro de maior prestígio socioeconômico. Enquanto isso, a nora de Ipanema chega acompanhada por uma babá uniformizada que cuidava de suas crianças. Nesse contexto, torna-se cada vez mais clara no enredo do conto a falta de vontade dos familiares de estarem presentes naquele aniversário, tanto por atritos entre eles quanto pelo distanciamento que têm em relação à aniversariante.

Ainda no primeiro parágrafo apresenta-se um exemplo dessas questões familiares: um dos filhos de Dona Anita não vai ao aniversário porque não quer encontrar os irmãos e “manda” a esposa para “que nem todos os laços fossem cortados” (LISPECTOR, 2016, p. 179). Essa ideia de comparecer por obrigação é retomada algumas vezes ao longo da narrativa com outras personagens – sobretudo com as noras já apresentadas, que não gostam umas das outras por motivos de “ofensas passadas” (*idem*, p. 181) e, como fica sugerido, por diferenças sociais.

⁴ Interessante perceber como elas são identificadas pelo bairro onde moram, como se não apresentassem traços mais interessantes para uma classificação.

Outro ponto que chama a atenção é a descrição do espaço e da decoração da festa. Enquanto as cadeiras da sala estão dispostas de forma circular, como se ali fosse haver dança,⁵ o espaço é composto por balões, copos de papelão, papéis coloridos e bolo açucarado, tal qual numa festa de criança. Pode-se entender que a infantilização do ambiente corresponde à infantilização de Dona Anita, cuidada, banhada e vestida pela filha, que “borrifara-lhe um pouco de água-de-colônia para disfarçar aquele seu cheiro de guardado” (*idem*, p. 180). Além da infantilização, pode-se interpretar que essa frase remete principalmente à coisificação da idosa, vista como um objeto da casa. Desde o início da narrativa, ela é retratada fora de sua posição maternal para ocupar um lugar de coisa, de algo que precisa ser guardado por Zilda, única mulher entre seis irmãos homens para quem o aparente fardo teria sido imposto. “Estava decidido, havia anos, [Zilda] tinha espaço e tempo para alojar a aniversariante” (*idem*, p. 179-180), nos conta o narrador. Apesar de Dona Anita precisar de cuidados, podemos refletir o que justificaria a escolha do verbo “alojar”, não comumente aplicado quando se refere aos cuidados de um filho, por exemplo. Por que, então, a ideia de alojar uma mãe? Remete-se mais uma vez à questão da coisificação.

Esse processo de reificação⁶ é verificado em outros momentos da narrativa e, ao retratar o trabalho de Zilda, fica ainda mais evidente. “Para adiantar o expediente, enfeitara a mesa logo depois do almoço [...]. E, para adiantar o expediente, vestira a aniversariante logo depois do almoço” (*idem*, p. 180). O paralelo estabelecido entre as duas frases, sobretudo a partir da repetição de palavras, deixa clara a comparação entre as tarefas de arrumar a mesa e de vestir a idosa, que parecem ocupar o mesmo lugar na vida atarefada da filha.

Depois de arrumá-la, Zilda coloca-a à cabeceira da mesa e a deixa ali durante horas antes do início da festa, onde “de vez em quando consciente dos guardanapos coloridos” (*idem*, p. 180) observa a mesa, retratada como uma pessoa impotente, apesar de seu porte físico austero. “Os músculos do rosto da aniversariante não a interpretavam mais (...). Tratava-se de uma velha grande, magra, imponente e morena. Parecia oca.” (*idem*, p. 181). Destaca-se aqui a simultaneidade aparentemente paradoxal entre as palavras “impotente” e “imponente”, ambas usadas para caracterizar a idosa. Embora Dona Anita ainda preserve a austeridade de uma juventude perdida – e veremos mais à frente o momento em que ela tenta recuperar uma espécie de magnificência de matriarca, representada também pelo punho fechado sobre a mesa – a velhice a destitui desse poder. Ela é, agora, uma velha. Ainda grande, imponente e morena, mas uma velha.

⁵ Outra interpretação possível para a disposição das cadeiras é a referência ao velório. Como poderemos observar ao longo da análise, o narrador lança mão de diversos signos da morte e, após a leitura completa do conto, pode-se retornar a esse começo da narrativa e enxergar a disposição da sala como mais uma referência aos rituais de morte.

⁶ “Qualquer processo em que uma realidade social ou subjetiva de natureza dinâmica e criativa passa a apresentar determinadas características – fixidez, automatismo, passividade – de um objeto inorgânico, perdendo sua autonomia e autoconsciência” (HOUAISS, 2007).

É importante também refletir sobre a posição de Zilda enquanto filha a quem coube a tarefa de cuidar da mãe. Por diversas vezes a narrativa revela a revolta da personagem, que se queixa internamente da falta de ajuda de seus parentes: “[...] ninguém se lembrando de que ninguém havia contribuído com uma caixa de fósforo sequer para a comida da festa que ela, Zilda, servia como uma escrava, os pés exaustos e o coração revoltado” (*idem*, p. 183), diz o narrador, revelando a insatisfação de Zilda, que parece ir muito além do fato de ter organizado a festa sozinha, apontando para um cotidiano de tarefas e de cobranças emocionais que ela não escolheu ter.

A comemoração é “inaugurada” de fato com a chegada de José e sua família. Agora filho mais velho, já que o irmão Jonga havia morrido, ele enche a sala da casa com seus familiares e seus cumprimentos ruidosos. É ele que lembra a idade da idosa: “Oitenta e nove anos, sim senhor!” (*idem*, p. 181), fazendo com que todos parem para observá-la pela primeira vez naquela tarde, mas a “velha não se manifestava” (*idem*, p. 181). Ao constatarem a falta de reação de Dona Anita em relação ao que se passava, os convidados voltam a ignorá-la, continuando a festa sozinhos, como se a aniversariante não precisasse ser a protagonista daquele momento.

os signos da morte e a explosão de cólera

É nesse ponto da narrativa que Cordélia aparece pela primeira vez. Única nora retratada pelo nome e não pelo bairro onde mora, ela está sentada e sorrindo. Essa marca já sugere uma diferença de comportamento em relação às outras noras, caracterizadas por feições que indicam a insatisfação de estarem presentes e a total indiferença em relação à aniversariante. Vale lembrar também de Manoel, um dos filhos da octogenária que é sócio de José – aliás, a relação comercial deles parece se sobrepor aos laços fraternais, já que os poucos momentos de diálogo entre eles são sobre negócios.

A ausência de reações de Dona Anita prevalece ao longo dos primeiros parágrafos do conto, como se ela estivesse alheia ao momento presente, afinal, toda a situação se desenrola sem que a própria idosa precise participar dela. O momento dos parabéns – que, em geral, é o ponto alto de um aniversário – passaria quase despercebido não fosse pelo efeito próximo do cômico de parte da família cantando a letra em inglês, sugerindo ironicamente os problemas de diálogo entre os parentes.

Incentivada pelos convidados a cortar o bolo, a matriarca coloca toda sua força na empreitada, tombando o corpo para frente. Nessa cena, é feita a primeira referência explícita à ideia da morte – que percorrerá todo o texto, dando o tom à narrativa: “deu a primeira talhada com punho de assassina. [...] Como se a primeira pá de terra tivesse sido lançada” (*idem*, 2016, p. 184). Aqui, na imagem do esfacelamento do bolo que se parte com a espátula como a pá de terra que se joga sobre o caixão, notamos uma provável referência ao enterro da idosa.

Embora em alguns textos de Clarice Lispector o grotesco apareça como motor da narrativa (como em “A geleia viva como placenta”, por exemplo), em outros, ele aparece em segundo plano, fazendo-se notar em cenas pontuais. No caso de “Feliz aniversário”, notamos que esse caráter se faz presente na descrição do espaço e da situação: a família que parece velar Dona Anita ainda em vida.

Com um tom fúnebre como pano de fundo, a história parece rondada pelo prenúncio do fim, dando a impressão de uma reunião que precede a morte, na qual a intenção de celebrar a vida se perde. Qual o sentido, afinal, de celebrar *aquela* vida? “A morte era seu mistério” (*idem*, p. 192), a única coisa que lhe restava como futuro possível? Ou até mesmo como presente, já que ela talvez estivesse morta para os ideais de sua família, não sendo mais alguém a ser estimada?

Entretanto, se a percepção que os convidados têm de Dona Anita é de um esvaziamento, pouco a pouco vamos tendo acesso ao seu mundo interior. Ao mesmo tempo que a narrativa indica que os parentes estão ali por uma obrigação familiar – destacando-se o falso entusiasmo de José, que canta os parabéns de maneira quase eufórica e repete a idade da mãe, num esforço inútil de encontrar palavras mais adequadas –, de maneira progressiva os pensamentos da protagonista vão sendo revelados.

Sobre esse assunto, é interessante pensar na relação entre esse aparente vazio de pensamentos de Dona Anita e o vazio de seus familiares, que se esforçam para sustentar uma aparência de cordialidade naquele ambiente enquanto, na verdade, escondem um olhar hostil e mesquinho. Não queriam estar ali e, por isso, exibem uma naturalidade completamente forjada.

Ao observar os convidados interagindo na sala de casa, falando alto e fingindo ter fome, ela se dá conta de que ainda é a matriarca e, a despeito da fragilidade física que dificulta os movimentos, muda sua postura corporal para analisar seus descendentes. “E se de repente não se ergueu, como um morto se levanta devagar e obriga mudez e terror aos vivos, a aniversariante ficou mais dura na cadeira, e mais alta. Ela era a mãe de todos” (*idem*, p. 185). Notamos que esse trecho indica com clareza a relação entre vida e morte que permeia a narrativa. Mais do que isso: como os dois termos se aglutinam num termo complexo. É vida e é morte simultaneamente.

A partir da observação que ela faz das pessoas presentes, representada por um movimento de piscar de olhos constante, Dona Anita começa a refletir sobre seus herdeiros. “Olhou com sua cólera de velha” (*idem*, p. 185), ao notar a fraqueza da família que formara. Descrita como uma mulher forte na juventude, questiona-se como dera à luz seres tão fracos e a cólera assume um movimento ascendente que finalmente atinge o seu ápice. Como reação ao desgosto que sente pela família, a idosa cospe no chão causando constrangimento em todos os convidados, sobretudo em Zilda, que se sente culpada e cobrada pelo mau comportamento da mãe – mais uma vez retomando a infantilização da idosa e a inversão de papéis entre mãe e filha, entre quem cuida e quem precisa ser cuidada. “O rancor roncava no seu peito vazio [...]. Incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão” (*idem*, p.

185), quebrando a expectativa das outras personagens, acostumadas à sua presença calada e imóvel.

Dessa forma, é possível perceber que da posição aparentemente impassível que a protagonista ocupava até então, alheia a qualquer influência externa a si mesma, ela passa de forma abrupta para uma posição ativa, causando espanto nos convidados acostumados à sua pouca existência. Ao pedir um copo de vinho, gerando um novo olhar de perplexidade nos filhos, noras e netos, explode: “Que o diabo vos carregue, corja de maricas, cornos e vagabundas!” (*idem*, p. 186), passando para o nível do discurso a posição que ocupa na mesa, à cabeceira, e também na família, enquanto matriarca.

Pode-se dizer que esse momento em que Dona Anita toma consciência de sua família, reparando no comportamento dos convidados e refletindo sobre eles, é uma forma de epifania, recurso tão presente na obra de Clarice. Como diz Nádya B. Gotlib em *Teoria do conto*, a epifania concebida por James Joyce “é uma manifestação espiritual súbita, em que um objeto se desvenda ao sujeito. Trata-se, em última instância, do modo de se ajustar um foco ao objeto, pelo sujeito” (GOTLIB, 2004, p. 28). No caso do conto analisado, é possível enxergar a idosa na posição de sujeito e, seus herdeiros, – ou, mais especificamente, o comportamento deles – como objeto.

Entretanto, a despeito dessa tomada do discurso imediatamente após o processo de reflexão sobre seus parentes e o desprezo daí resultante, Dona Anita mergulha novamente em seu mundo individual e alheio, voltando à posição que ocupava até então. “Será que ela pensa que o bolo substitui o jantar, indagava-se a velha nas suas profundezas” (LISPECTOR, 2016, p. 186), de volta a si mesma. Durante esse movimento, porém, as outras personagens não se alteram, mantendo a artificialidade forjada para a manutenção das aparências “como máscaras isentas e inapeláveis, de súbito nenhum rosto se manifestava. [...] Todos se entreolharam polidos, sorrindo cegamente, abstratos como se um cachorro tivesse feito pipi na sala” (*idem*, p. 187).

cordélia, do la tim, “cordis”

Aqui, é interessante voltar a Cordélia, nora mais jovem que se apresenta como um contraponto a todo esse universo de esvaziamento dos outros parentes. Mãe do único neto que a idosa considera “carne de seu coração”, enquanto todos os outros são “carne de seu joelho” (*idem*, p. 185) ela é, ao longo do conto, retratada como alguém que de fato presta atenção em Dona Anita e que não se mascara como as outras personagens que sustentam uma visível artificialidade. “E Cordélia, Cordélia olhava ausente, com um sorriso estonteado, suportando sozinha o seu segredo. Que é que ela tem? Alguém perguntou com uma curiosidade negligente” (*idem*, p. 188). Afinal, qual era o seu segredo?

O silêncio expressivo dessa personagem, em contraste com a presença ruidosa dos outros parentes, é uma linha de força comum nos textos claricianos

(por exemplo, como vemos em “O grande passeio” através do silêncio da idosa Margarida em contraste com as falas agressivas de Arnaldo, evidenciando que a exclusão social e familiar passa também pelo discurso). Ao fugir do mascaramento constituindo uma espécie de força vital para além dos clichês, ela forma, ao lado do filho e da sogra, uma espécie de núcleo resistente dentro do conto. Aqui, cabe citar Vima Martin, em artigo publicado em 2015:

A figura de Cordélia e sua percepção de que “a verdade era um relance” configuram-se, assim, como uma espécie de “ponto de fuga” diante da realidade alienada. Nesse sentido, o apelo para a vida que pode ser aferido da ligeira e silenciosa interação estabelecida entre Dona Anita e Cordélia contrapõe-se à inequívoca presença da morte que se faz presente durante toda a festa e personifica-se, sobretudo, na imagem enrijecida e imóvel da anciã. (MARTIN, 2015, p. 131).

Com um olhar permeado de pena e medo, Cordélia assume um movimento de entendimento na narrativa, como se compreendesse o que é envelhecer. E viver.

Cordélia olhou-a espantada. O punho mudo e severo sobre a mesa dizia para a infeliz nora que sem remédio amava talvez pela última vez: É preciso que se saiba. É preciso que se saiba. Que a vida é curta. Que a vida é curta. (LISPECTOR, 2016, p. 189).

Aqui, é interessante citar o livro *Análise estrutural de romances brasileiros* (1979), em que Affonso Romano de Sant’Anna nos dá a noção de que essa compreensão em relação à velhice e à vida se dá em muitos contos de Clarice pela relação entre duas personagens, entre um “eu” mais jovem e um “outro” mais velho,⁷ cujo efeito é irreversível:

O ponto de maior intensidade entre o Eu e o Outro situa-se no terceiro estágio onde ocorre a epifania – certo momento necessário e insustentável de tensão. Depois do evento o personagem ou se deixa definitivamente perturbado ou regressa ao repouso inicial. Mas continuará para sempre “ferido nos olhos”. (SANT’ANNA, 1979, p. 206).

⁷ Dentro do vasto repertório clariciano, podemos lembrar como exemplo dessa percepção o conto “Os laços de família”, a partir do olhar de Catarina para a mãe, ao perceber que sua progenitora está envelhecida. Também podemos citar o conto “A partida do trem”, em que Angela Pralini observa Maria Rita, sua companheira de viagem, e algo acontece no descortino contemplativo da mulher mais jovem para a idosa.

Ao encarar a idosa e reparar nela como nenhum outro parente que está por perto o faz, Cordélia estabelece um olhar de cumplicidade, como se entendesse o que estava acontecendo, como se estivesse na outra ponta de uma transmissão de saber, provavelmente de um saber já decadente e que não interessava a ninguém mais. A nora – a única a ter o nome revelado, indicando a sua importância na narrativa e a sua relação com Dona Anita – compreende o que é a velhice e onde ela coloca as pessoas. Amedrontada por saber que irá passar por esse mesmo processo, ela se dá conta de que a vida é curta. Não necessariamente pela chegada da morte, mas pela perda da juventude. Nesse contexto, é possível dizer que a velhice aparece como um signo da morte, integrando o percurso temático da finitude da vida. Antes de ir embora, no fim da festa, Cordélia ainda tem a esperança de encontrar algo de vital na sogra.

Mais uma vez olhou para trás implorando à velhice ainda um sinal de que uma mulher deve, num ímpeto dilacerante, enfim agarrar a sua derradeira chance de viver. Mais uma vez Cordélia quis olhar. Mas a esse novo olhar – a aniversariante era uma velha à cabeceira da mesa. (LISPECTOR, 2016, p. 189).

“Uma velha”, quase em oposição à expressão anterior, “uma mulher”. Uma velha que deixara de ser mulher, que deixava o ímpeto pela vida passar. Sobre o olhar de Cordélia para a sogra, é interessante citar Olga de Sá em *A escritura de Clarice Lispector*, ao abordar o que chama de “momento privilegiado” no qual acontecem as epifanias claricianas:

Esse “momento privilegiado” não precisa ser “excepcional” ou “chocante”; basta que seja “revelador, definitivo, determinante”. Atinge assim a escritora o anelo de todo ficcionista: o momento da lucidez plena, em que o ser descortina a realidade íntima das coisas e de si próprio. (SÁ, 1979, p. 131).

Ao analisar essa personagem, é importante trazer as observações de Cleusa Rios Passos para a discussão. Em *Clarice Lispector: os elos da tradição* (1991), a pesquisadora trabalha a intertextualidade entre “Feliz Aniversário” e *Rei Lear*,⁸ tragédia de Shakespeare. No ensaio, Passos aponta uma relação de semelhança entre o comportamento da Cordélia clariciana e da Cordélia inglesa a partir da imagem do silêncio.

⁸ *Rei Lear*, uma das obras-primas do inglês William Shakespeare, foi escrita no começo do século XVII e encenada pela primeira vez em 1606. A versão original foi revisada e adaptada repetidas vezes nos séculos seguintes. A tragédia conta a história de Lear, um rei idoso da Bretanha que decide dividir o reino entre suas três filhas: Goneril, Regan e Cordélia, sua favorita. Para calcular a divisão, ele pede que elas demonstrem seu amor. Enquanto as duas mais velhas fazem discursos inflamados e artificiais, a caçula dá uma resposta simples sobre seu amor e é deserdada.

A recusa do jogo teatral pela nora mais nova de Dona Anita retoma a atitude da filha caçula de Lear. Em meio ao alvoroço da comemoração, a primeira mantém-se à parte, da mesma forma que a segunda se mantivera, quando chamada pelo pai para declarar-lhe seu amor (PASSOS, 1991, p. 167).

Passos destaca ainda que, assim como na peça de Shakespeare, os descendentes de Dona Anita não a consideram lúcida – e o episódio da cuspidinha no chão é a imagem principal dessa questão. Da mesma forma, na tragédia, as outras filhas do rei insinuem por diversas vezes a decrepitude do pai.

Outro ponto importante do ensaio a ser lembrado é a reflexão de Passos sobre a relação vida-amor-morte, retomando o papel do neto Rodrigo, “o único a ser carne de seu coração” (LISPECTOR, 2016, p. 185).

Enquanto em *King Lear*, o amor provém diretamente de Cordélia, em “Feliz Aniversário” ela se delinea mediadora de tal sentimento. Embora seu nome pareça conter o símbolo usual do amor e de seu ventre venha Rodrigo, embora capte (como mãe) os elos entre vida, amor e morte, emanados da matriarca, é seu filho quem permite à avó reviver o amor. (PASSOS, 1991, p. 171).

Apesar de uma possibilidade de diálogo que se delinea entre Cordélia e Dona Anita a partir do contato visual entre elas, ele não acontece de fato. Em uma narrativa breve, Clarice extermina qualquer chance de comunicação entre elas, e o contato se dá através de um olhar momentâneo e do discurso indireto livre. Essa incomunicação permeia todo o conto, composto por diálogos muito breves e vazios, alternados pelo pensamento interior de cada um, como num movimento cinematográfico.

Voltando ao enredo: depois do pedido inesperado de vinho por parte da octogenária e da não reação dos parentes, os primeiros convidados anunciam a partida e são seguidos pelos outros de forma sucessiva. “A aniversariante recebeu um beijo cauteloso de cada um como se sua pele tão infamiliar⁹ fosse uma armadilha” (LISPECTOR, 2016, p. 188) e se manteve impassível à cabeceira da

⁹ Aqui, é interessante citar o ensaio “Das Unheimliche” (1919), de Sigmund Freud, no qual são feitas algumas considerações sobre o conto “O homem de areia”, de E.T.A. Hoffman. Nesse trabalho, Freud trata da figura do estranho, apontando que ele não é o desconhecido, mas, pelo contrário, o familiar. Freud diz que o *unheimliche* é “o nome de tudo que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz”. Esse estranhamento familiar, portanto, causa angústia e confusão – às vezes até mesmo terror – mas parte do que é conhecido. Aplicando essa concepção freudiana no conto de Clarice, podemos entender que essa caracterização da pele da idosa como algo infamiliar vem daí. A figura que um dia foi possivelmente maternal e íntima é agora estranha, talvez até cause repulsa, já que demanda um beijo “cauteloso”; não se quer tocar o rosto da velha.

mesa, fechada em sua mudez com o punho apertado em cima da toalha, sendo verdadeiramente observada apenas por Cordélia.

Na hora da partida, José continua com seus inúteis esforços para escolher as melhores palavras – claramente, tentando de maneira frustrada ocupar o lugar de discurso que era, antes, de Jonga, o irmão falecido. “[...] a próxima frase do discurso. Que não vinha. Que não vinha. Que não vinha” (*idem*, p. 189), até que veio: “Até o ano que vem!”, disse, deixando clara a referência que fazia a mais um ano de vida da mãe, que àquela altura representava uma verdadeira conquista ao escapar da morte que já se fazia prever.

Retomando *Análise estrutural de romances brasileiros*, em que Sant’Anna trata do movimento de espreita atrás do cotidiano, temos a impressão de que, em “Feliz aniversário”, estamos acompanhando aquela reunião familiar enquanto espectadores; a partir da observação do narrador, lançamos o olhar para os diferentes comportamentos daquelas personagens.

doná anita e a antiga dama

Ao pensar no repertório clariciano, a crônica “A antiga dama” (1971), publicada no *Jornal do Brasil* e reunida na coletânea *A descoberta do mundo* (1984), estabelece um evidente diálogo com “Feliz aniversário”, e pode enriquecer esta análise iluminando alguns aspectos do conto. A narrativa concisa, mas impactante, conta brevemente um episódio protagonizado por uma idosa que mora em uma pensão na zona sul do Rio de Janeiro.

Grande, mal cheirosa e quase banguela, ela tinha uma reputação que vinha dos anos de glória do passado. Ainda sabia falar francês e não hesitava em colocar a língua em prática quando encontrava outro falante do idioma. E apesar de mal cuidada, ainda mantinha certo porte dos tempos antigos. “Havia majestade e soberania naquele grande volume sustentado por pés minúsculos, na potência dos cinco dentes, nos cabelos ralos que, escapando do coque magro, esvoaçavam à menor brisa” (LISPECTOR, 2004, p. 432), remetendo à aparência austera de Dona Anita, grande, imponente e morena.

O grande evento da crônica é a chegada da velha de manhã à pensão onde morava. Não tinha dormido em seu quarto, pois regressava da casa do filho, onde passou a noite e o dia anterior. Voltava limpa e bem vestida, causando certa surpresa nos outros moradores da pensão. “Estava lisa e com o pescoço claro, sem nenhum cheiro de galinha. [...] Estava de vestido preto de um cetim já fosco” (*idem*, p. 432), pois tomara banho na banheira da nora.

Querendo aproveitar a novidade, não foi para o quarto trocar o cetim por um vestido ordinário de algodão; ficou na sala conversando e dizendo que “a família era a base da sociedade” (*idem*, p. 432). Mesmo cansada, permaneceu em sua pose de dama, que acabou abalada pela ânsia provocada pela lembrança do jantar na casa do filho. Correu para vomitar e voltou para a vida de sempre. “[...] estava de olheiras marrons, com o largo

vestido de estampadinho de ramagem, e de novo sem cinta e soutien. [...] O Rei Lear. Estava quieta, grande, despenteada, limpa. Fora feliz inutilmente” (*idem*, p. 432).

Aqui, podemos notar que a idosa (da qual desconhecemos o nome) teve um dia com um familiar: algo especial a ela porque raro. Pôde ser minimamente cuidada, como era Dona Anita por Zilda, mas logo teve que voltar à sua vida de pensão. Diferentemente da idosa do conto, ela não coube como tarefa a nenhum familiar, vivendo em sua pobre solidão. O vômito gerado pela lembrança do jantar talvez represente a súbita consciência disso, de uma realidade que ela poderia viver diariamente, mas que não vivia por não caber mais no dia a dia da sua família.

No final, ao recolocar as roupas simples e retomar o aspecto cansado – preservando temporariamente apenas a pele mais clara e sem sujeira – volta ao seu lugar. “O Rei Lear”, diz o narrador, fazendo referência mais uma vez a decrepitude do mais velho aos olhos de seus descendentes. Aqui, é possível traçar um paralelo entre o vômito da velha e a cuspidinha de Dona Anita, ambas reações como consequências da cólera causada pelos herdeiros, e ambas reações da ordem do grotesco, do nojo. Nas duas narrativas, as idosas preservam qualquer traço de imponência da juventude, mas que já se perde entre os reveses da velhice.

No final da crônica, ao dizer que “fora feliz inutilmente” (*idem*, p. 432), o narrador parece apontar para um destino inexorável. Não há nada mais entre o momento presente e a morte. Assim como Dona Anita, sua existência é apenas à espera do fim.

o que resta é a náusea

Em “Feliz aniversário”, portanto, a visão da idosa como um estorvo se faz clara através de elementos manifestos e latentes presentes no texto, permeado pelo abandono, pela cólera, pela melancolia, pela mesquinhez e pelo estranhamento em relação àquela que envelheceu – um estranhamento que vem do infamiliar, como apontamos acima.

Como pudemos notar, essas questões são observadas através do comportamento das outras personagens e dos signos da morte, que indicam o fim inescapável que já se mostra pouco a pouco nas limitações da velhice. Por meio desses recursos, Clarice traz para a reflexão o lugar que a mulher idosa ocupa na nossa sociedade (a partir do núcleo familiar, como um microcosmo) e o lugar que ela ocupa no discurso, tão marcado pelos silêncios e pela incomunicação dela e dos que estão à sua volta. Como resultado dessa troca que acontece entre elas – da transmissão de um olhar sobre viver, envelhecer e morrer – a nora entende algo, mas pouco resta além da náusea, do desconforto e do incômodo.

Podemos concluir, portanto, que o retrato da mulher idosa construído no conto aqui trabalhado compõe o tom melancólico junto de seu pano de fundo. Nesse sentido, os signos da morte presentes na narrativa estão em consonância com os traços da velhice, apontando, ambos, para o caráter imutável do processo de finitude, acompanhado pelo dilaceramento dos laços afetivos e familiares.

referências bibliográficas

BARBOSA, Maria José Somerlate. *Passo e compasso: nos ritmos do envelhecer*. Porto Alegre: EdPUC-RS, 2003.

FREUD, Sigmund. *O infamiliar [Das Unheimliche]*. Tradução de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. São Paulo: Autêntica, 2019.

GOTLIB, Nádya Battella “Os difíceis laços de família”. *Caderno de Pesquisa*, São Paulo, n. 91, p. 93-99, nov. 1994.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *Todos os contos*. Organização de Benjamin Moser. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

MARTIN, Vima Lia de Rossi. Velhice e exclusão social em contos de Clarice Lispector e Mia Couto. *Todas as letras*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 127-135, maio/ago. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v17n2p127-135>. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002751320>. Acesso em: 19 nov. 2020.

PASSOS, Cleusa Rios Pinheiro. *Clarice Lispector: os elos da tradição*. Revista USP, n. 10, p. 167-174, 1991. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i10p167-174. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/52192>. Acesso em: 19 nov. 2020.

SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. Petrópolis: Vozes, 1979.